

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

22 Set 2018
18:00 Sala Suggia

-
FANTASIA

Brad Lubman *direcção musical*

1ª PARTE

Johannes Schöllhorn/Johann Sebastian Bach

Fantasia, BWV 922 (1710-14, orq.2017-18; c.9min)*

Julian Anderson

Fantasias (2009; c.23min)

- Fantasia I: *Presto*
- Fantasia II: *Giovale*
- Fantasia III: *Dolcissimo notturno*
- Fantasia IV: *(Interludium) Molto allegro*
- Fantasia V: *Prestissimo*

2ª PARTE

Hector Berlioz

Sinfonia Fantástica (1830/32; c.52min)

1. *Sonhos e paixões*
2. *Um baile*
3. *Cena nos campos*
4. *Marcha para o suplício*
5. *Sonho de uma noite de Sabbat*

*Estreia mundial; encomenda Casa da Música com o apoio do Goethe Institut.

Cibermúsica, 17:15

Palestra pré-concerto por **Rui Pereira**



<https://vimeo.com/290694658>

Maestro Brad Lubman
sobre o programa do concerto.

A Casa da Música agradece à Fundição de Sinos de Braga de Serafim da Silva Jerónimo & Filhos Lda a cedência de dois sinos afinados e respectivos suportes para a interpretação da *Sinfonia Fantástica* de Berlioz.

APOIO: GOETHE-INSTITUT PORTUGAL



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Johannes Schöllhorn

MURNAU AM STAFFELSEE, 30 DE JUNHO DE 1962

Orquestração da *Fantasia*, BWV 922, de Johann Sebastian Bach

O termo “fantasia” foi-se alterando ao longo da história da música, desde as fantasias renascentistas estritamente polifónicas para alaúde da Península Ibérica até às obras para piano de Carl Philipp Emanuel Bach, das fantasias românticas de Beethoven, Schubert, Schumann e Liszt até às sofisticadas fantasias de tempos mais recentes como a fantasia de Arnold Schoenberg para violino e piano.

A Fantasia para cravo em Lá menor, BWV 922, de Johann Sebastian Bach, é uma verdadeira excepção no âmbito da sua obra. É bem evidente que o então ainda jovem compositor não só vai ao encontro dos limites da música do seu tempo, como vai para além deles. Esta obra, dividida em Prelúdio e Fuga, apesar de muito cromática, harmonicamente muito avançada e formalmente atípica, mostra claramente que Bach não está interessado na convenção da forma, mas muito mais em extrema coesão e tensões harmónicas, numa dramaturgia muito especial que permite o fluir da música, assim como o oposto (a música estática). Ambos os aspectos com uma construção muito rígida.

O BWV 922 não é certamente um exemplo típico da fantasia (o que seria uma falta de fantasia), mas uma obra que nos permite muitos pontos de vista e que tece laços para o passado e para o futuro (ou seja, para nós). O que nos fascina nesta obra, até hoje, será provavelmente essa abertura que a torna uma superfície de projecção para as nossas próprias fantasias (por exemplo na forma de uma orquestração).

A minha orquestração não é historicista (não foi construída ao “estilo antigo”), nem pretende simplesmente projectar a música para uma época específica (como vamos encontrar em Leopold Stokowski, que o fazia à maneira antiga). Trata-se antes (no espírito de Berio e sobretudo de Stravinski) de mostrar as numerosas contradições entre as épocas, contradições essas que soam dentro da própria fantasia e na melhor das hipóteses nos dão uma visão completamente nova desta obra de Bach. Sendo este o olhar de um compositor sobre a obra original, a minha orquestração procura reinventar a peça.

JOHANNES SCHÖLLHORN

Tradução: Richard Brunner

Julian Anderson

LONDRES, 6 DE ABRIL DE 1967

Fantasias

Fantasias foi uma encomenda da Orquestra de Cleveland com o generoso patrocínio de Jan R. e Daniel R. Lewis. Enquanto a maior parte das minhas composições orquestrais anteriores consistem num andamento único, esta peça é constituída por vários andamentos de diferentes durações. A vantagem principal desta forma com vários andamentos é o facto de permitir contrastes muito mais fortes, assim como o uso de uma maior variedade de formas dentro da mesma obra. *Fantasias* procura explorar essas possibilidades. Poderei, eventualmente, vir a adicionar mais andamentos à obra mais tarde.

A tradição da fantasia na música ocidental traduz-se por capricho, assim como uma intencionalidade deliberada à superfície da música, tal como nas maravilhosas fantasias para teclado de C. P. E. Bach. “Capricho” é de certeza a característica mais evidente na parte final da minha obra: a música faz uma corrida desenfreada de ideia em ideia, mudando constantemente de direcção e de textura quase de modo selvagem após poucos compassos – com apenas dois momentos de repouso e indiferença que permitem ao ouvinte (e ao compositor!) orientarem-se. Os contrastes extremos à superfície da música escondem uma continuidade harmónica e formal subjacente que une a obra, apesar de todos os desvios, dando-lhe uma sensação geral de objectivo, o que se torna claro no final do andamento.

Por outro lado, as características mais óbvias destas fantasias são os grandes contrastes na orquestração: no primeiro andamento, por exemplo, aparecem unicamente os metais,

enquanto o segundo, apesar de usar a orquestra toda, apresenta texturas riquíssimas nas cordas e nos sopros de madeira. O segundo andamento é um nocturno meditativo que se apresenta em várias camadas simultâneas. Muito lentamente, texturas quase imóveis nas cordas (alternando muitas técnicas de arco pouco usuais) são contrapostas a rápidas fanfarras estranhas e distantes nas madeiras e em alguns metais (por vezes usando material musical do primeiro andamento). Ocasionalmente, emergem ideias e linhas melódicas mais longas e calmas.

Tratando-se de trechos rápidos ou lentos, *Fantasias* é uma celebração da orquestra sinfónica moderna, da qual a Orquestra de Cleveland é uma exemplo à escala mundial: saber que estava a escrever para esta maravilhosa orquestra e para o maestro Franz Welser-Möst deu-me uma total liberdade de escrita enquanto compunha. Dedico a obra *Fantasias*, com afecto, admiração e gratidão, à minha editora Sally Cavender, cuja energia inesgotável na promoção da música contemporânea também considero motivo para celebração.

JULIAN ANDERSON

Tradução: Richard Brunner

Hector Berlioz

LA CÔTE-SAINT-ANDRÉ, 11 DE DEZEMBRO DE 1803

PARIS, 8 DE MARÇO DE 1869

Sinfonia Fantástica

A *Sinfonia Fantástica* de Berlioz é, a todos os níveis, um feito extraordinário. É a primeira sinfonia de um jovem estudante, ainda aluno do Conservatório, mas demonstra uma audácia e uma capacidade de inovação surpreendentes, a par de uma mestria de orquestração genial. Há quem defenda que é a mais notável primeira sinfonia de um compositor. Os seus primeiros esboços remontam a 1819, teria Berlioz 16 anos de idade, mas a Sinfonia só foi estreada em 1830. Nesse hiato, deram-se episódios na vida do artista que foram determinantes para a criação desta sua obra-prima. O mais determinante decorreu a 11 de Setembro de 1827. Berlioz foi assistir à peça teatral *Hamlet*, de Shakespeare, em cena no Teatro Odéon em Paris, na produção de uma companhia inglesa. O elenco de actores incluía os famosos Edmund Kean e Charles Kemble, para além de uma jovem de 27 anos no papel de Ofélia, Harriet Smithson. Berlioz ficou loucamente apaixonado desde esse dia e criou uma forte obsessão pela artista. Escreveu-lhe por diversas vezes, tentou encontrar-se com ela, mas nunca obteve sucesso. Os rumores sobre a relação da actriz com outros homens, nomeadamente o seu agente, perturbaram Berlioz sobremaneira mas despoletaram, simultaneamente, o seu espírito criativo. Numa carta que escreveu ao poeta e seu amigo Humbert Ferrand, descreveu o plano dramático da obra que tinha em mãos: "...um artista, abençoado por uma imaginação prodigiosa, apaixonado por uma mulher que incorpora os ideais de

beleza e fascinação que ele sempre procurou (...). Ele pensa que há esperança; acredita estar apaixonado. Mais tarde, numa crise de desespero, ele droga-se com ópio, mas o narcótico, em vez de o matar, provoca-lhe uma alucinação horrível. Pensa que, tendo assassinado a sua amada, é condenado à morte e assiste à sua própria execução. Após a sua morte, vê-se rodeado por uma assembleia de feiticeiros e bruxas (...). A sua amada é agora uma prostituta que irá tomar parte dessa orgia."

A *Sinfonia Fantástica* foi estreada a 5 de Dezembro de 1830. Dois anos mais tarde, após a sua estadia em Roma como bolseiro da Academia Francesa, Berlioz regressou com uma nova versão da Sinfonia. Depois da estreia, onde o próprio compositor integrou a orquestra como percussionista, conheceu finalmente Harriet e os dois casaram a 3 de Outubro de 1833. O casamento foi um desastre que durou até ao Verão de 1844. Berlioz sustentou a actriz até à data em que esta morreu, em 1854, vítima de doenças provocadas pelo alcoolismo. Duas outras obras do compositor prestam homenagem a este amor: a sinfonia *Romeu e Julieta* e a canção *A morte de Ofélia*.

Berlioz escreveu vários programas para a obra, havendo discrepâncias entre eles que se atribuem a súbitas mudanças dos seus sentimentos em relação a Harriet Smithson. Segue-se agora um resumo do programa da sinfonia de acordo com os seus cinco andamentos e tendo como base os escritos do compositor:

1. *Sonhos e paixões*. Um jovem músico descobre a mulher dos seus sonhos. Sempre que a vê, ou pensa nela, é assolado por uma melodia que o persegue. É o tema da ideia fixa que vai percorrer toda a obra. Esse tema é apresentado pelos violinos após a lenta introdução,

numa secção indicada *Allegro agitato e appassionato assai*.

2. *Um baile*. Uma valsa com grande requinte de orquestração e um recorte melódico extremamente insinuante faz aparecer o tema da ideia fixa por duas vezes. O tom cintilante de alguns instrumentos remete-nos para elementos pictóricos que caracterizam pormenores como o brilho dos lustres de cristal ou os efeitos de rodopio próprios da valsa.

3. *Cena no campo*. Um diálogo entre um corne inglês e um oboé constitui um jogo de pergunta-resposta que, no seu tom pastoral, é simultaneamente melancólico e inquietante. Berlioz salienta o facto de, no final, um dos pastores (corne inglês) retomar o seu canto mas agora sem obter resposta... Apenas o barulho distante de um trovão... solidão... medo...

4. *Marcha para o suplício*. Sob os efeitos do ópio, o herói sonha que matou a mulher que ama, que é condenado e levado para assistir à sua própria execução. O último sentimento de amor, representado na ideia fixa, é brutalmente interrompido pela guilhotina.

5. *Sonho de uma noite de Sabbat*. O clima deste último andamento é absolutamente fantástico: desde o *Larghetto* da introdução, com os intensos e delirantes cromatismos que evocam o artista morto rodeado por feiticeiros e bruxas, até ao aparecimento da ideia fixa no clarinete sob a forma de uma dança, o sentido de drama é de uma intensidade inigualável. São sinos verdadeiros, uma exigência do compositor, que anunciam a melodia gregoriana do *Dies irae* (o dia do juízo final), tocada na tuba e nos fagotes, a qual se mistura com os outros temas num final apoteótico.

RUI PEREIRA, 2012

Brad Lubman *direcção musical*

O maestro e compositor americano Brad Lubman conquistou largo reconhecimento ao longo das últimas duas décadas pela sua versatilidade, técnica apurada e interpretações profundas. Requisitado pelas principais orquestras da Europa e dos EUA, tem mantido colaborações regulares com orquestras e ensembles como a Sinfónica da Rádio Bávara, Sinfónicas NDR e SWR e Sinfónica Alemã de Berlim, Sinfónica Nacional Dinamarquesa e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Para além de uma agenda preenchida na Alemanha, é frequentemente convidado a dirigir algumas das principais orquestras mundiais, entre as quais a Orquestra do Real Concertgebouw, a Filarmónica da Radio France, a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica de São Francisco, a Orquestra del Maggio Musicale Fiorentino e as Sinfónicas de Barcelona e Xangai.

Tem trabalhado também com alguns dos mais importantes agrupamentos europeus e americanos de música contemporânea, tais como Ensemble Modern, London Sinfonietta, Klangforum Wien, musikFabrik, Ensemble Resonanz, Remix Ensemble, Los Angeles Philharmonic New Music Group e Steve Reich and Musicians.

Na temporada de 2017/18, Brad Lubman foi Artista Residente no Festival Grafenegg na Áustria, nas suas várias facetas: como maestro, compositor e professor. Um dos momentos a destacar nesta residência foi uma actuação com a Tonkünstler Orchester da Áustria, em que dirigiu música de Brahms e Mahler, bem como a estreia mundial da sua obra *Reflections*, para orquestra. Em 2018/19 apresenta-se à frente de grandes orquestras internacionais, tais como a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Filarmónica

de Bruxelas, a New World Symphony, a Sinfónica de Singapura, a Sinfónica do Porto Casa da Música e ainda as Orquestras das Rádios de Munique (BR), Leipzig (MDR), Colónia (WDR), Saarbrücken (Deutsche Radio Philharmonie) e Paris (Philharmonique de Radio France).

Brad Lubman é fundador e co-director artístico e musical do Ensemble Signal, de Nova Iorque. A sua gravação de *Music for 18 Musicians* de Steve Reich para a Harmonia Mundi foi premiada com um Diapason d'Or (2015) e figurou na tabela Billboard Classical Crossover. É Professor Associado de Direcção e Ensembles na Eastman School of Music em Rochester (Nova Iorque), e membro do Bang-on-a-Can Summer Institute.

A discografia de Brad Lubman distribui-se pelas editoras Harmonia Mundi, Nonesuch, AEON, BMG/RCA, Kairos, Mode, NEOS e Cantaloupe.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austríaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Ashot Sarkissjan*
Veliyana Yordanova*
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
Evandra Gonçalves
José Despujols
Vadim Feldblioum
Roumiana Badeva
Andras Burai
Ianina Khmelik
Maria Kagan
Alan Guimarães
Raquel Santos*
Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Lilit Davtyan
Mariana Costa
Paul Almond
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Pedro Rocha
Nikola Vasiljev
Jean Philippe Passos*
José Sentieiro
Mário Gómez*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Rute Azevedo
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva
Theo Ellegiers
Francisco Moreira

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
Gisela Neves
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Tiago Pinto Ribeiro
Sławomir Marzec
Jean Marc Faucher*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Eldevina Materula
Roberto Henriques

Clarinete

Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Isa Tavares*

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Eddy Tauber
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
José Bernardo Silva

Trompete

Ivan Crespo
José Almeida*
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
André Conde*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino
Jose Martínez*

Tímpanos

Jean-François Lézé
Bruno Costa

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Carolina Coimbra*

Piano/Celesta

Luís Filipe Sá*

Sintetizador

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

23 Set Dom - 18:00 Sala Suggia
Fantasia Corais
FANTASIA

Coro Casa da Música

Paul Hillier direção musical

Giovanni Gabrieli *O magnum mysterium*

Carlo Gesualdo *Il sol qual or più splende; Moro lasso al mio duolo*

J. Ockeghem *Alma redemptoris mater*

György Ligeti *Drei Phantasien*

J. Ockeghem *Missa Prolationem: Kyrie e Gloria*

Pablo Ortiz *Ancor che col partire; E ne la face de begli occhi accende*

Giovanni Gabrieli *O Jesu mi dulcissime*

Género dominante na música instrumental renascentista, a fantasia desenvolveu-se sob a influência de modelos da música vocal, como o motete e o madrigal. A escrita imitativa e a clara disposição de vozes que se ouvem numa fantasia ao alaúde são já bem patentes na música de Ockeghem, o grande mestre da polifonia franco-flamenga. Neste ciclo de concertos dedicados à *fantasia*, o programa apresentado pelo Coro Casa da Música percorre esses modelos e passa também por obras polifónicas criadas em Itália por Gabrieli, um herdeiro da tradição franco-flamenga, e Gesualdo, autor de madrigais inovadores porque livres de qualquer amarra, no mais puro sentido da fantasia. A música do nosso tempo completa este programa desafiante, com assonoridades labirínticas de Ligeti e o olhar de Pablo Ortiz sobre dois poemas renascentistas.

25 Set Ter - 19:30 Sala Suggia
Bizarrias e Fantasia
FANTASIA

Orquestra Barroca **Casa da Música**

Laurence Cummings direção musical

J. S. Bach *Fantasia e Fuga em Sol menor*

Georg Philipp Telemann *La Bizzare*

Jean-Baptiste Lully *Suite de Armide*

-

Johann Joseph Fux *Concerto em Ré menor*

Georg Muffat *Laeta poësis*

Um percurso por géneros característicos do período Barroco que começa com um dos seus pares mais famosos: a fantasia e a fuga. O génio inventivo de Johann Sebastian Bach leva ao limite a sua exploração, com uma Fantasia de linguagem muito aberta e caminhos harmónicos densos e inesperados. Uma *branle* onde cada parte tem anotada uma métrica diferente, uma *sarabanda* com intervenções inesperadas, a energia obstinada da *fantasia*, um segundo violino que parece gozar com os restantes instrumentos: eis *La Bizzare*, um dos melhores exemplos da capacidade engenhosa de Telemann para satirizar as convenções da época. As obras de Lully, Fux e Muffat que completam o programa incluem várias danças em voga nas cortes europeias do período Barroco.

28 Set Sex - 21:00 Sala Suggia
Todos os caminhos
vão dar a Viena

Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música

Thomas Zehetmair direcção musical

Franz Schubert *Abertura Alfonso und Estrella*

Antonio Salieri *26 variações sobre La Folia*

-

Ludwig van Beethoven *Sinfonia n.º 4*

O violinista austríaco Thomas Zehetmair regressa à Sala Suggia, agora na qualidade de maestro, para dirigir um programa com nomes incontornáveis da vida musical vienense. A Abertura para *Alfonso und Estrella* foi escrita para uma ópera que Schubert não veria estreada e ainda hoje conta raríssimas encenações, mas é um excelente exemplo da enorme inventividade melódica do compositor. De naturalidade italiana mas compositor oficial da corte de José II, Arquiduque da Áustria, Antonio Salieri escreveu 26 variações sobre *La Folia*, a dança que terá surgido em Portugal no século XV e que figura entre os temas musicais mais antigos da Europa. Das nove sinfonias de Beethoven, a quarta é provavelmente a menos interpretada mas também nela conseguimos escutar os detalhes característicos da sua linguagem.

29 Sáb/Sat - 18:00 Sala Suggia
Artur Pizarro
FANTASIA

Ciclo Piano Fundação EDP

Georg Philipp Telemann *3 Fantasias, TWV 33*

W. F. Bach *Fantasias F.14 e F.23*

Jan Václav Voříšek *Fantasia, op.12*

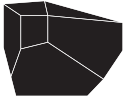
-

Franz Schubert *Fantasia "Graz", D.605a*

Felix Mendelssohn *Fantasia, op.28*

Ludwig van Beethoven/Franz Liszt *Fantasia*
sobre temas de As Ruínas de Atenas

A *Fantasia* no piano do Barroco ao Romantismo. Com raízes que recuam um pouco mais até ao Renascimento e à música de carácter improvisado tocada ao alaúde, a fantasia atravessou os séculos e foi assumindo diferentes contornos. O prestigiado pianista Artur Pizarro – vencedor do Concurso Vianna da Motta 1987, do Greater Palm Beach Invitational Piano Competition 1989 e do Leeds International Piano Competition 1990 – apresenta um conjunto de perspectivas contrastantes sobre uma das formas mais abertas à criatividade dos compositores. Desde as aberturas francesas e as danças barrocas usadas por Telemann até à linguagem livre de um lendário improvisador como foi o filho mais velho de J. S. Bach, passando pela sensibilidade lírica de Schubert, o recital culmina com uma fantasia de Mendelssohn inspirada em temas escoceses e um autêntico cavalo-de-batalha que é a Fantasia de Liszt sobre temas de Beethoven.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

